

Literatura de cordel e lugares de memória

Cordel literature and sites of memory

Adriana Mesquita Figueiredo ¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo principal provocar uma reflexão sobre a relação entre a literatura de cordel e a memória. A ideia é mostrar como a memória colabora para a transmissão, manutenção e divulgação desse fazer artístico. Para tal, a pesquisa usa como exemplo as instituições ligadas à literatura de cordel que funcionam espalhadas pelo país e operam como lugares de memória. A pesquisa é amparada por conceitos de memória individual, memória coletiva e lugares de memória desenvolvidos por autores variados. No campo da literatura, discorre sobre a origem da literatura de cordel e sobre a diferença entre o cordel português e o brasileiro. Diante desse aporte teórico, aponta as instituições ligadas à literatura de cordel como exemplos de polos irradiadores desse gênero literário e que operam como lugares de memória. Para a realização desse trabalho foram empregados os métodos quantitativo e qualitativo, além da realização de pesquisas bibliográficas e documental.

Palavras-chave: Literatura de cordel; memória; instituições de cordel.

Abstract:

The present article aims primarily to encourage reflection on the relationship between cordel literature and memory. The idea is to show how memory contributes to the transmission, preservation, and dissemination of this artistic practice. To this end, the research uses as examples institutions related to cordel literature that operate throughout the country and function as sites of memory. The study is supported by concepts of individual memory, collective memory, and sites of memory developed by various authors. In the field of literature, it discusses the origin of cordel literature and the differences between Portuguese and Brazilian cordel. Based on this theoretical framework, it identifies institutions connected to cordel literature as examples of centers that disseminate this literary genre and that operate as sites of memory. For the development of this study, both quantitative and qualitative methods were employed, in addition to bibliographic and documentary research.

Keywords: Cordel literature; memory; cordel institutions.

¹ Mestre em Memória e Acervos pelo Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Especialista em Língua Inglesa pela PUC-Rio. Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) e Letras (Português/Inglês). Professora das redes Estadual e Municipal de Ensino.

1 Introdução

A literatura de cordel é uma forma de expressão cultural e artística, capaz de imprimir e, ao mesmo tempo, revelar o imaginário coletivo de uma determinada região. Muitos estudos e pesquisas sobre o tema vêm apontando que, por intermédio de suas produções, que envolvem os folhetos, os repentos, as emboladas, ou até mesmo as xilogravuras, a literatura de cordel consegue contribuir para contar a história de um povo e, consequentemente, colaborar para a construção de sua memória coletiva.

No Brasil, onde a literatura de cordel está espalhada em praticamente todos os seus estados, é na região Nordeste que esse fazer artístico encontra mais força. Por intermédio das produções dos cordéis do Nordeste é possível contarmos e recontarmos as histórias do cangaço, da seca, da fome, das disputas políticas, das dificuldades do nordestino, além dos fatos cotidianos. Podemos encontrar também lendas e mitos impressos em folhetos de cordéis.

Essa memória, permeada de histórias, casos, relatos de fatos do cotidiano, vai sendo passada de geração para geração por intermédio da oralidade e, principalmente, por intermédio das instituições ligadas à literatura de cordel. Instituições essas que podem ter diferentes formatos: associações, agremiações, fundações, entre outras tantas que se dedicam à manutenção, ao fomento e à divulgação da literatura de cordel. Elas reúnem artistas, estudiosos, pesquisadores, estudantes, o público em geral que reconhecem e lutam pelo reconhecimento da literatura de cordel como um verdadeiro patrimônio artístico e cultural, conforme status que alcançou em 2018 junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Algumas dessas instituições possuem a salvaguarda de acervos valiosos que reunidos formam uma produção significativa da literatura de cordel em território nacional. Como exemplo podemos citar a Fundação Casa de Rui Barbosa, A Fundação Biblioteca Nacional, o Centro Nacional de Folclore, a Fundação Joaquim Nabuco (FJB), o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), além de outras instituições menores, tais como, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel; a Associação dos Cantadores Repentistas e Escritores Populares do Distrito Federal e Entorno (Brasília); a Associação de Cantadores de Campina Grande (Casa do Cantador) e tantas outras.

Todo esse rico material faz parte da memória nacional. A memória que tem papel fundamental na vida dos indivíduos. Afinal, os seres humanos registram tudo aquilo que lhes é marcante e que lhes toca os sentidos. As lembranças fazem com que cada pessoa seja única, de acordo com as experiências e os registros que guardam. Daí decorre a estreita relação entre memória e identidade. De acordo com Izquierdo (2002, p. 9), “o acervo de nossas memórias Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025

faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico”.

Além da memória individual, existe a memória coletiva. Esta auxilia e tem relevância na formação da sociedade à qual determinados indivíduos pertencem. Ela atua e se faz presente por intermédio das experiências do cotidiano ou em lugares de memórias, como, por exemplo, os museus, arquivos, patrimônios históricos e arquitetônicos, monumentos, bibliotecas ou instituições de ensino. A memória coletiva possibilita lembrar e, muitas vezes, reviver determinadas situações ou revisitar locais e voltar no tempo. Para Halbwachs (2003), a memória coletiva é comum, gerando uma adesão afetiva e uma identificação com a construção dos fatos e personagens que compõem a sociedade, originando um sentimento de pertencimento.

Conforme a sociedade vai se desenvolvendo, acumulando experiências, a memória coletiva requer uma sistematização. Precisa ser organizada a fim de que não se perca. Ela precisa ser preservada para que possa ser mantida, difundida e, assim, ser passada de geração para geração. Nesse ponto, as instituições ligadas à literatura de cordel vêm ocupando papel de destaque. Seja por intermédio da salvaguarda dos acervos que possuem, ou das atividades que oferecem à população, visto que muitas delas realizam eventos, exposições, encontros, oficinas, apresentações artísticas, enfim, ações com o objetivo de manter viva a tradição da literatura de cordel, e, por conseguinte, a memória que essas atividades são capazes de produzir.

Diante do exposto, é possível dizer que as instituições que promovem a literatura de cordel ocupam papel relevante para a valorização, o fomento, a divulgação e, sobretudo, a preservação da memória contida na produção desse gênero artístico em território nacional. Neste artigo procuramos apontar a intrínseca relação entre literatura de cordel e memória.

Para a realização da pesquisa foram utilizados os métodos quantitativo e qualitativo, trabalhou-se com pesquisas bibliográfica e documental. A bibliográfica levou em consideração os estudos sobre memória, como os de Ivan Izquierdo (2002) e Jacques Le Goff; memória coletiva e o seu lugar na formação da identidade, Stuart Hall (2012); Halbwachs (2003) sobre literatura de cordel cabe mencionar autores como Câmara Cascudo, Ivan Proença, Mark Curran, Marcia Abreu (2005), Ria Lemaire (2013), dentre outros. Já sobre lugares de memória e sua contribuição na formação da identidade de uma sociedade, Pierre Nora (1997) apresenta um trabalho que servirá como base para o estudo aqui proposto.

Cabe apontar aqui que o presente artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado *Instituições ligadas à literatura de cordel: cultura, tradição e educação em lugares de memória* na qual apresento um estudo sobre a importância das instituições ligadas à literatura de cordel e o papel dessas na manutenção, no fomento e na difusão dessa literatura e, sobretudo, da sua Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025

importância e sua contribuição na formação da memória e da identidade de um povo. Como resultado da pesquisa foi elaborado um guia prático de instituições ligadas à literatura de cordel, listando 41 delas espalhadas pelo Brasil, além de trazer um breve perfil de cada uma dessas unidades.

Neste artigo lanço foco mais especificamente na reflexão sobre a relação que a literatura de cordel é capaz de estabelecer com a memória e seus desdobramentos (memória individual, memória coletiva, lugares de memória) estudados por diversos autores e pensadores aqui citados. Nele apresento ainda uma discussão sobre a origem da literatura de cordel, a diferença entre o cordel brasileiro e o português, os tipos de memória, memória individual, coletiva e lugares de memória.

2 A origem da literatura de cordel

A literatura de cordel é normalmente definida como expressão artística que se manifesta de forma oral ou escrita, caracterizada pela métrica e pela rima, podendo estar presente em gêneros literários como a poesia, o conto, o romance, o teatro etc. Entre as temáticas mais recorrentes estão: o amor, os fatos do cotidiano, as questões religiosas, as injustiças sociais, a política e outras.

Na antiguidade, ainda no período anterior à escrita, trovadores e cantadores entoavam cantigas que versavam sobre esses temas com histórias de amor, de saudade, da amizade, das batalhas, além das críticas à sociedade e à igreja, na linha das cantigas de escárnio de maldizer ou de amigo, por exemplo. A literatura de cordel traz em sua gênese os traços que retomam e, em muito, se assemelham a tal prática, conforme aponta Fernando Marinho (2019, p. 12):

A literatura de cordel como conhecemos hoje teve sua origem ainda em Portugal com os trovadores medievais (poetas que cantavam poemas no século 12 e 13), os quais espalhavam histórias para a população, que, na época, era em grande parte analfabeta. Na Renascença, com os avanços tecnológicos que permitiram a impressão em papéis, possibilitou-se a grande distribuição de textos, que, até então, eram apenas cantados.

Estudiosos e pesquisadores como Câmara Cascudo (2002) e Ivan Proença (1977), por exemplo, concordam com a tese de que a literatura de cordel surgiu influenciada pelas produções daquela época. De acordo com os autores, esse início teria sido durante os séculos XII e XIII, tendo como modelo o Trovadorismo Medieval, em especial ao modelo praticado na Europa Ibérica. Segundo eles, o período teria sido historicamente marcado por produções de

tradição oral, criadas para serem cantadas e, por intermédio da oralidade, espalhar histórias, narrativas de rimas simples, fáceis de serem compreendidas pela população da época, ainda sem acesso à leitura e à escrita.

A respeito da origem do cordel, Câmara Cascudo (2002, p.332) ratifica a ideia de que o cordel brasileiro teve suas origens baseadas na tradição dos cordéis encontrados na Península Ibérica, conforme trecho do seu *Dicionário do folclore brasileiro*:

Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil, referente aos folhetos impressos, compostos em todo o Nordeste e depois divulgados pelo Brasil. Na obra *Cinco livros do povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo comenta: “No Brasil diz-se sempre folhetos referindo-se a estas brochurinhas em versos. Em Portugal dizem ‘literatura de cordel’ porque os livrinhos eram expostos à venda cavalgando sobre um barbante, como ainda acontece em certos pontos do Brasil”. Segundo Veríssimo de Melo, “as raízes da nossa literatura de cordel, narrativa em versos e registro de fatos memoráveis, em folhetos, estão fincadas, sem nenhuma dúvida, em velha tradição portuguesa e ibérica”.

Cavalcante Proença (1977) dialoga com a tese de Câmara Cascudo, reafirmando também a origem ibérica da Literatura de Cordel, além de outras características inerentes ao gênero, tais como a narrativa, a estrutura de poesia e as histórias românticas entoadas por cantadores. Em seus estudos enfatiza que o cordel chegou ao Brasil trazido pelos colonizadores portugueses.

O nome da literatura de cordel vem de Portugal e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos. Com este nome já os assinala Teófilo Braga em Portugal do Século XVII, se não mesmo antes. Pode-se dizer também que este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois acrescenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da Literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam estes romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, trazidos pelos colonos em suas bagagens (Proença, 1977, p. 30).

Em suas pesquisas, Nelvi Algeri (2007) estabelece uma intrínseca relação entre a poesia trovadoresca e a literatura de cordel, principalmente nos aspectos referentes à oralidade, à temática e à origem do cordel propriamente dito. Essa tese reforça os pensamentos de Cascudo (2002) e Proença (1977).

O início da literatura de cordel está ligado à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, na Grécia Antiga, na Europa Medieval, ou simplesmente na imaginação criadora dos povos e que a memória popular foi conservando, transmitindo. São os chamados romances de cavalaria, de amor, de crimes, de narrativas de guerras ou viagens, ou conquistas marítimas (Algeri, 2007, p. 15).

No estudo ele reforça ainda mais essa relação entre trovadorismo e cordel, citando o próprio Câmara Cascudo.

No Brasil, a poesia medieval chegou dentro da bagagem de nossos colonizadores, uma vez que, para cá vieram militares, estudantes, intelectuais, literatos, poetas, enfim, um vasto contingente de apreciadores de poesia. “Nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente a tradição do Romanceiro, que se fixaria no Nordeste do Brasil, como literatura de cordel” (Cascudo, 1973 *apud* Algeri, 2007, p. 14).

A tradição das cantigas se perpetuou na Europa e seguiu durante o período da Renascença, entre os séculos XV e XVI. Época muito marcada pela oralidade e pela possibilidade de transmitir as histórias cantadas de geração para geração. Porém, com os avanços da escrita e a invenção da prensa, os poemas e cantigas começaram a ser impressos em papel.

Com o passar do tempo, a questão da conceituação do termo cordel, suas origens e características tornaram-se ainda mais relevantes em áreas de concentração de estudos que envolvem a literatura, a história, e, principalmente, a cultura. A abordagem tem sido tema de muitos estudos, pesquisas e trabalhos que cabem aqui serem mencionados. Além dos estudos de Cascudo e Proença, Diegues Júnior (1973) e Raymond Cantel, por exemplo, afirmam ainda que a denominação do gênero é devido aos poemas criados serem impressos em folhetos, pendurados em um varal para serem mostrados ao público, expostos e vendidos.

A literatura de cordel é assim designada pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordel em exposição nas casas onde eram vendidos. Cordel vem de corda, cordão [...]. Os folhetos eram expostos em cordões, lençóis, esteiras, nas feiras, praças, portas das igrejas, bancas e nos mercados (Diégues Junior, 1973, p. 3).

A origem ibérica apontada por Proença e Cascudo é também sustentada por uma boa parte dos estudiosos, que, assim como eles, acreditam que literatura de cordel no Brasil teve sua origem na Península Ibérica, em especial em Portugal. O Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel (2013) é um dos que apresenta a definição de Cantel para o termo e acrescenta que o nome serviu também para cunhar o próprio gênero literário.

Termo atribuído pelo pesquisador Raymond Cantel, para designar os folhetos de literatura popular, vendidos nas feiras populares, pendurados em pequenas cordas, cordinhas, cordões. O termo cordel sedimentou o nome literatura de cordel. No folheto Beabá do Cordel, Moreira de Acopiara nos explica claramente:

“(…)
 Vendidos nas feiras livres
 Pendurados num cordão
 Esses livretos viraram
 O jornal da região
 Levando conhecimento
 Àquela população.” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE
 CORDEL, 2013, p. 44).

Nos trechos citados anteriormente, os autores descrevem que o termo cordel costuma ser associado, principalmente, à forma editorial dos textos, veiculados em pequenas brochuras impressas em papel barato e vendidas suspensas em cordões de lojas de feiras e mercados com vistas à ampla difusão dos livros. Defendiam também que o cordel como gênero literário deveria ser constituído obrigatoriamente de três elementos principais, a saber: métrica, rima e oração. Tais componentes, associados às ilustrações das histórias estampadas nas capas dos livretos, tradicionalmente em xilogravura, são partes da cultura da Literatura de Cordel.

No entanto, devido principalmente à falta de registros escritos dessas primeiras produções, além de informações que atestem e comprovem a tese que indica a origem do cordel como sendo realmente ibérica, estudos mais recentes como os de Márcia Abreu (1999) e Ria Lemaire (2013) questionam essa perspectiva eurocêntrica. Para ambas, a literatura de cordel no Brasil alcançou características próprias, peculiares e temas diferenciados em relação ao cordel português. Em sua tese de doutorado, Abreu (1999) faz um estudo comparativo entre o que chama de cordel português e folheto brasileiro. Ao compará-los, a pesquisadora estabelece uma dissociação entre ambos e mais adiante enumera uma série de diferenças entre um e outro, além de questionar os autores que afirmam categoricamente que o cordel brasileiro tenha a origem ibérica.

Este pequeno apanhado de citações deixa claro que os estudiosos dessa literatura, tanto em Portugal como no Brasil, têm, frequentemente estabelecido uma relação de dependência entre a produção nordestina e a lusitana. Alguns formulam a hipótese de maneira genérica, como Manuel Diégues Júnior, dizendo que “tem-se atribuído às folhas volantes lusitanas a origem da nossa literatura de cordel”. Outros, mais categóricos, afirmam uma “origem ibérica” “incontestável”, mas não dizem por quê. Todos concordam, entretanto, que o material português sofreu altaerações em contato com a realidade brasileira: fala-se em “adaptação”, “recriação”, “transformações”, “desdobramentos”, fusão entre a “literatura popular ibérica” e a “prática dos poetas improvisadores”, sem que jamais se tenha tentado um cotejo entre as duas condições de produção ou entre os textos efetivamente produzidos em Portugal e no Brasil (Abreu, 1999, p. 9).

Ria Lemaire (2013) corrobora com a linha de pensamento estabelecida por Abreu e acrescenta que, ao associar a origem do cordel brasileiro ao de Portugal, estudiosos, entre eles os aqui supracitados (Cascudo, Proença e outros) acabam criando uma relação de hierarquia, de superioridade entre eles. Por essa via, esses autores acabam, ainda, subestimando a capacidade de criação dos autores brasileiros ao colocá-los em uma posição de passividade perante o cordel português. Sobre tal posicionamento, Lemaire (2013, p. 34) afirma

[...] anônimo, sem história, em oposição à voz da elite e dos seus Autores, criadores/atores do progresso, excluindo de antemão a hipótese de o povo ter capacidade de criação. O povo só pode ter o papel de recipiente passivo de civilização; a cultura dele só pode ser imitação e adaptação... de origem europeia, o que quer dizer no caso do Brasil, portuguesa, o que sublinha mais ainda o papel do homem branco, europeu e ocultando a contribuição do negro e do índio para a cultura que deu origem ao folheto.

Assim, diferentemente de autores como Câmara Cascudo, Ivan Proença e Diegues Júnior, os pesquisadores contemporâneos pretendem mostrar que existe uma distinção entre o cordel português e o brasileiro. Abreu (1999), por exemplo elenca em suas pesquisas várias dessas diferenças. Mas, sobretudo, o que esses autores pretendem é estabelecer um contraponto acerca da história da gênese do cordel brasileiro que, até então, prevalecia-se de uma perspectiva classista, eurocêntrica, com abordagem mais tradicionalista, conforme explica Ossian Lamdim (2002, p. 34):

Percebe-se que as pesquisas iniciais sobre essa relação, levam o cordel nordestino a uma filiação com o cordel português, mas com o aprofundamento das pesquisas passou-se a perceber que o cordel é uma arte popular gerada pelo próprio nordestino.

2.1 O cordel no Brasil e o cordel português

No Brasil, a literatura de cordel passou a ser conhecida por volta do século 18. Consagrou-se, principalmente na Região Nordeste, com os repentistas e violeiros. Na época, era uma forma de contar, oralmente, histórias ligadas ao folclore regional de maneira simples, como afirma Marco Aurélio Farias (2010, p. 13):

Literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional. É em linhas gerais tributária da literatura oral (em especial dos contos populares) desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil. Literatura que reaproveita a tradição oral.

Repentistas e violeiros ajudaram a popularizar os versos cantados. Eles contavam histórias musicadas e rimadas pelas ruas das cidades, tornando conhecidos os poemas que depois viriam a ser os cordéis. Com o passar do tempo, aos poucos, o cordel brasileiro foi adquirindo características próprias. Tão próprias que alguns autores apontam uma série de diferenças entre a produção ibérica e o cordel brasileiro em contraponto a autores que, como Cascudo e Proença, por exemplo, sustentam que o cordel brasileiro tenha origem europeia. Para eles, há várias peculiaridades que distanciam um do outro.

Operaram como formas de manutenção da memória de um elemento que faz parte da nossa identidade cultural.

3 Cordel e memória

Ao ser transmitida de geração para geração, a literatura de cordel teve normalmente como suporte a oralidade, por intermédio das narrativas orais. De acordo com Walter Benjamin (1994), essas narrativas auxiliam na construção e na preservação da memória de uma sociedade. Nos primórdios da civilização, para as sociedades ainda iletradas, o recurso para guardar as informações que consideravam importantes, para posteriormente passá-las a outras gerações, era justamente a memória.

A memória tem sido objeto de estudo e pesquisa, envolvendo diversas áreas de conhecimento, tais como a Filosofia, a Sociologia, a História, a Psicologia, entre outras. A abordagem pode apresentar tanto um aspecto individual quanto um aspecto coletivo. Está ligada à capacidade que as pessoas têm de armazenar informações, sendo um dos elementos que contribuem na construção da identidade de um indivíduo ou de um determinado grupo social.

Para Ivan Izquierdo (2002, p. 9), por exemplo, a memória exerce um papel relevante na vida dos indivíduos. Os seres humanos registram tudo aquilo que lhes é marcante e que lhes toca os sentidos. Segundo ele, as lembranças fazem com que cada ser humano seja único, de acordo com as experiências e os registros que guarda. Daí decorre a estreita relação entre memória e identidade. “[...] o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico”. (Izquierdo, 2002, p. 9)

Para Jaques Le Goff (1990), a memória funciona como um conjunto de funções psíquicas, graças às quais os homens podem atualizar as suas impressões ou informações passadas ou as que eles representam como passadas. Para ele, a memória é o elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva. É o que torna possível

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025

a construção de uma história: “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (Le Goff, 1990, p. 40).

Então, podemos apreender que tanto Izquierdo (2002) quanto Le Goff (1990), consideram ser a memória um elemento fundamental na vida dos indivíduos, especialmente na formação da identidade, seja esta a de um indivíduo ou a de um grupo social.

A memória coletiva auxilia e tem relevância sobretudo na formação da sociedade a qual determinados indivíduos pertencem. Ela atua e se faz presente por intermédio das experiências do cotidiano. Seu papel está ligado ao relembrar e, muitas vezes, reviver determinadas situações ou visitar locais e poder voltar no tempo. Conforme aponta o sociólogo Maurice Halbwachs (2003), a memória coletiva é comum, gerando uma adesão afetiva e uma identificação com a construção dos personagens que compõem a sociedade, originando um sentimento de pertencimento.

Ao falar sobre a noção de memória coletiva, o sociólogo apresenta um contraponto em relação à ideia de memória individual. De acordo com ele, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Ele defende que as lembranças decorrem a partir das relações que um indivíduo estabelece com um grupo. Para ele, não há uma memória estritamente individual, visto que só é possível lembrar de fatos e situações vividos em espaços coletivos, compartilhados entre vários indivíduos, ou seja, em ambientes, tais como: escola, bairro, rua, casa, entre outros. De acordo com ele, estar em grupo ou fazer parte de um grupo é condição para que haja memória, pois o indivíduo nunca está totalmente sozinho. Assim, ao ser acionada, a lembrança é capaz de reunir informações que vão construindo a identidade e o patrimônio de uma determinada comunidade. Para Halbwachs, essas informações reunidas por intermédio da lembrança, são passadas de pessoa para pessoa, de geração para geração, montando a história de um grupo social, especialmente por intermédio da oralidade.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2003, p. 30)

Halbwachs (2003) defende ainda que as lembranças, de uma maneira geral, devem ser analisadas, observando o contexto social no qual estão inseridas, pois os indivíduos vivem em sociedade e fazem parte de grupos sociais.

[...]cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (Hallbwachs, 2003, p.70)

Mais adiante, ele acrescenta, explicando o seguinte:

Quando há uma lembrança vivida por uma pessoa – ou repassada para ela – e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade. As informações mais relevantes dessas lembranças vão sendo repassadas de pessoa para pessoa e vão construindo a história oral de um determinado lugar ou grupo (Hallbwachs, 2006)

Seguindo essa linha de raciocínio, estudos como os de Stuart Hall, vão ao encontro com os estudos de Hallbwachs e confirmam que o indivíduo é formado a partir das relações que ele estabelece vivendo em sociedade. Segundo Hall, é a partir delas que emerge a identidade:

“Assim, mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas que formam a cultura”. Deste modo, o sujeito ainda tem o seu “eu real” dentro de si. Contudo, este “eu” acaba sendo formado e modificado com o diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as outras identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2006, p.13)

Conforme visto anteriormente, compartilhar informações com uma comunidade, passando-as de pessoa para pessoa, de geração para geração, é um movimento possível graças à memória. Dessa forma, em relação à literatura de cordel, podemos dizer que a memória contribui no processo de sua transmissão, por intermédio das narrativas orais e escritas e, conseqüentemente, de sua manutenção. O gênero tem a memória como suporte para a salvaguarda dessas narrativas legadas por intermédio das cantorias, da poesia declamada, ou escrita, dos relatos, das histórias, das lendas, dos fatos do cotidiano e de tantos outros elementos encontrados na literatura de cordel.

Dentro desse amplo campo de estudo no qual a memória se insere, temos de um lado a perspectiva de Halbwachs que, conforme teoria supracitada, só é possível existir quando o indivíduo pertence ou encontra-se em um grupo. No entanto, de outro lado, o filósofo francês Paul Ricoeur ressalta que a memória, mesmo que coletiva, não é externa, mas individual, própria dos sujeitos. Isso não significa que ele negue a existência de uma memória coletiva, mas afirma que ela depende sobretudo dos indivíduos.

Um dos aspectos que Ricoeur elenca para designar memória individual é que “não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro” (Ricoeur, 2007, p. 107). Sob

essa ótica, em relação à literatura de cordel, os autores, poetas, cordelistas e cantadores seriam os agentes geradores e propagadores desse memória.

Além dos estudos sobre memória até aqui apontados, existem outros que merecem ser mencionados. Para a historiadora Olga Von Simon (2003), por exemplo, a memória coletiva é formada por fatos, situações ou aspectos importantes que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. São encontrados nos chamados de lugares de memória. Segundo ela, esses lugares envolvem os memoriais, os monumentos, os quadros, as obras de arte, as obras literárias e artísticas que, para ela “expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.” (Von Simon, 2003).

Sobre lugares de memória, o historiador francês Pierre Nora apresentou, em meados do Século XX, um conceito acerca de lugares de memória a partir de três perspectivas. A saber:

- Lugar de memória material, como espaço físico: bibliotecas, casas de cultura e seus acervos, santuários, monumentos, associações etc;
- Lugar de memória funcional: a cristalização da memória e sua transmissão,
- Lugar de memória simbólica: remete a um evento ou a um acontecimento.

Para Nora, é preciso que espaços físicos, celebrações, eventos entre outras iniciativas, sejam mantidos para que a memória se constitua em uma memória viva. Daí surge a necessidade de criação desses espaços nos quais seja possível se reviver essa memória. Segundo ele, a memória precisa ser vivida. “Os Lugares de Memória vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é necessário criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, notariar atos, porque estas operações não são naturais” (Nora, 1993, p. 29).

Ao ressaltar a importância dos lugares de memória, Nora acaba também por abrir uma discussão sobre a criação dos arquivos, tendo como uma das finalidades a manutenção da memória. Sobre o surgimento deles, Camargo e Goulart (2015) explicam que os arquivos nascem em decorrência de ações praticadas por pessoas ao longo de suas trajetórias. Segundo as autoras, os arquivos são ferramentas, instrumentos que funcionam como registros que servem para comprovar as atividades realizadas por indivíduos ou por grupos de indivíduos, ao longo do tempo, em um determinado local ou em determinada sociedade. Alguns deles enquadram-se na categoria de patrimônio histórico, ou seja, são aqueles que exercem uma função cultural e têm a capacidade de preservar o contexto histórico e social do período em que as atividades ocorreram. Em se tratando de patrimônio histórico, podemos dizer que as coleções de folhetos

de literatura de cordel estão também relacionadas ao conceito de arquivo estabelecido por Camargo e Goulart, devido, principalmente, ao seu valor histórico, cultural e artístico.

Sobre a questão do valor histórico de um arquivo, as autoras acrescentam que este decorre de sua capacidade de repercutir as atividades das quais se originam. Nesse aspecto, as coleções de folhetos de cordel, organizadas e salvaguardadas por instituições como a Fundação Casa de Rui Barbosa, a Fundação Joaquim Nabuco, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, entre outras, apresentam ligação com esta noção, devido à relevância desses acervos.

Mais adiante, Nora (1993) defende que o que chamamos de memória em uma sociedade está presente no estoque ou material (arquivo) daquilo que não é possível lembrar espontaneamente. Para ele, quanto menos a memória é vivida, mais precisa de suportes externos e lugares de memória, arquivos para que se mantenha viva.

Em *O Narrador*, Walter Benjamin fala sobre a importância de transmitir o conteúdo contido na memória, principalmente por intermédio das histórias, contidas em arquivos, como forma de propagação de conhecimento e de preservação da sabedoria. Assim, ele define a figura propagador como o narrador. De acordo com ele, o narrador é aquele que transmite essas histórias. Em oposição, Benjamin define, então, o que chama de homem do arquivo, aquele que coleta as informações, mas não as vivencia mais profundamente. Nesse caso, o homem arquivo seria um expectador diante dos fatos. Assim, Benjamin propõe uma reflexão sobre a figura do homem arquivo em contraponto à figura do narrador, aquele que garante a transmissão e manutenção da memória. Para ele, a fim de que ela exista, a memória precisa seguir a sequência: narração, experiência e memória. Nesse aspecto, Benjamin corrobora com Nora (1993) acerca da necessidade da memória ser vivenciada e experimentada. “Quanto menos a memória é vivida do interior, mais ela precisa de suportes exteriores, precisa de lugares de memória.” (Nora, 1993, p. 34)

As associações, agremiações, academias, fundações, sociedades, e as instituições detentoras de acervo de literatura de cordel, apresentam como missão resguardar, proteger, fomentar e divulgar esse patrimônio cultural. Dessa forma, estão inseridas no contexto dos lugares de memória definidos por Nora, pois são núcleos de salvaguarda, divulgação e manutenção da literatura de cordel. Assim, esses espaços transitam pelos lugares de memória apontados por Nora. Como exemplo, podemos citar a Fundação Biblioteca Nacional, a Fundação Casa de Rui Barbosa, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel e outras. Todas na tentativa de cumprir o papel de manter essa tradição literária.

4 Considerações Finais

Diante do exposto, podemos afirmar que a literatura de cordel estabelece uma intrínseca relação com a memória visto que esta é capaz de colaborar com o processo de transmissão desse fazer artístico. Relação esta que se faz, principalmente, por intermédio das narrativas orais e escritas. Esse gênero literário tem a memória como suporte para a salvaguarda dessas narrativas, sejam elas em forma de cantorias, da poesia declamada, ou escrita, dos relatos, das histórias, das lendas, dos fatos do cotidiano e de tantas outras englobadas na literatura de cordel.

Dentro desse processo de transmissão e manutenção da literatura de cordel temos como um dos agentes as instituições ligadas a esse gênero literário. Afinal elas realizam ações que contribuem sobremaneira para a preservação, manutenção e divulgação da tradição da literatura de cordel. Esta pesquisa visa fortalecer e destacar o trabalho realizado por essas instituições. Espera ainda contribuir para que esses lugares de memória se mantenham firmes no propósito de preservação e difusão da literatura de cordel.

A manutenção desses núcleos para a preservação da memória cultural e, por conseguinte da literatura de cordel, é fundamental, visto que o gênero é uma forma de expressão cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e, sendo assim, muito contribui para a formação da identidade cultural brasileira. Essa memória vem sendo passada de geração para geração por intermédio dos artistas, cordelistas e, principalmente, pelas instituições que se dedicam à preservação dessa memória.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL (ABLC). *Dicionário brasileiro de literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013.

ALGERI, Nelvi Malokowsky. *A poesia trovadoresca e suas relações com literatura de cordel e a música contemporânea*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, [Cascavel], 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/810-4.pdf>. Acesso em: set. 2021.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. *Centros de memória: uma proposta de definição*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2015.

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025

- CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2003.
- DIÉGUES JÚNIOR, M. *Características dos ciclos temáticos*. Literatura popular em verso: estudos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. t. 1, p. 24-329.
- FARIAS, Marco Haurélio. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LAMDIM, Ossian Soares. *De verso em verso se aprende história: uma “História do Crato” a partir do intelectual Elói Tele Morais*. 2022. Tese (Doutorado em educação) - Universidade do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LEMAIRE, R. Pensar o suporte: resgatar o patrimônio. In: MENDES, S. (Org). *Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- LEMAIRE, Ria. *Fonte de informação e conhecimento, folclore ou literatura: o cordel como fenômeno multicultural*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.
- MARINHO, Fernando. “*Literatura de cordel*”. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- NORA, Pierre, Entre Memória e história: A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do Cordel*. Brasília: Rio de Janeiro, 1977.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*: tomo 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*: o tempo narrado: tomo 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025

VON SIMON, Olga. Memória e Cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Revista Acadêmica*, n. 6, maio 2003.